



FRAGMENTOS
NATÁLIA CAVALCANTE

FRAGMENTOS

NATÁLIA CAVALCANTE

areia





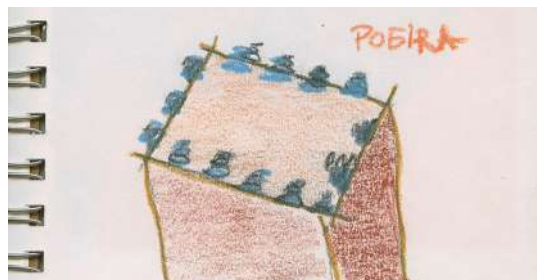


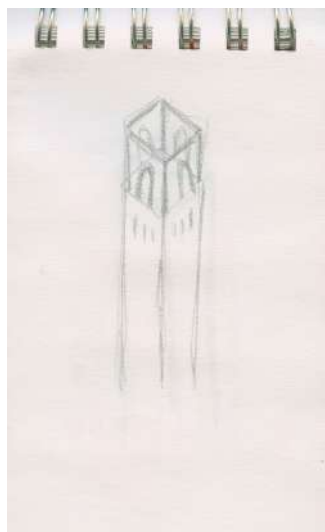
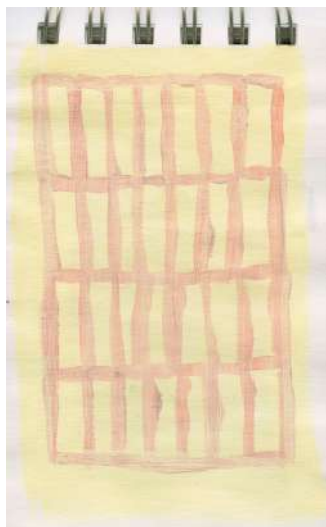














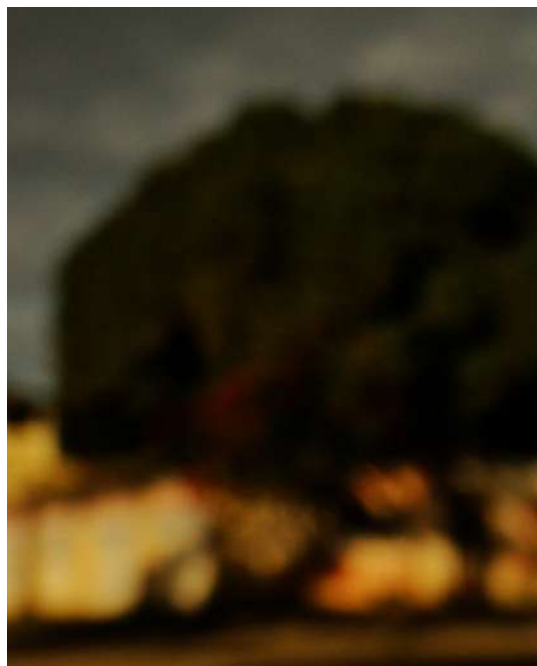




“(…) A minha mente continua a conter
trazem consigo uma figura ou fragmento
ra. A cidade sobre o golfo também está s
chamá-la com um nome, nem recordar
Ítalo Calvino. As cidades invisíveis. São P

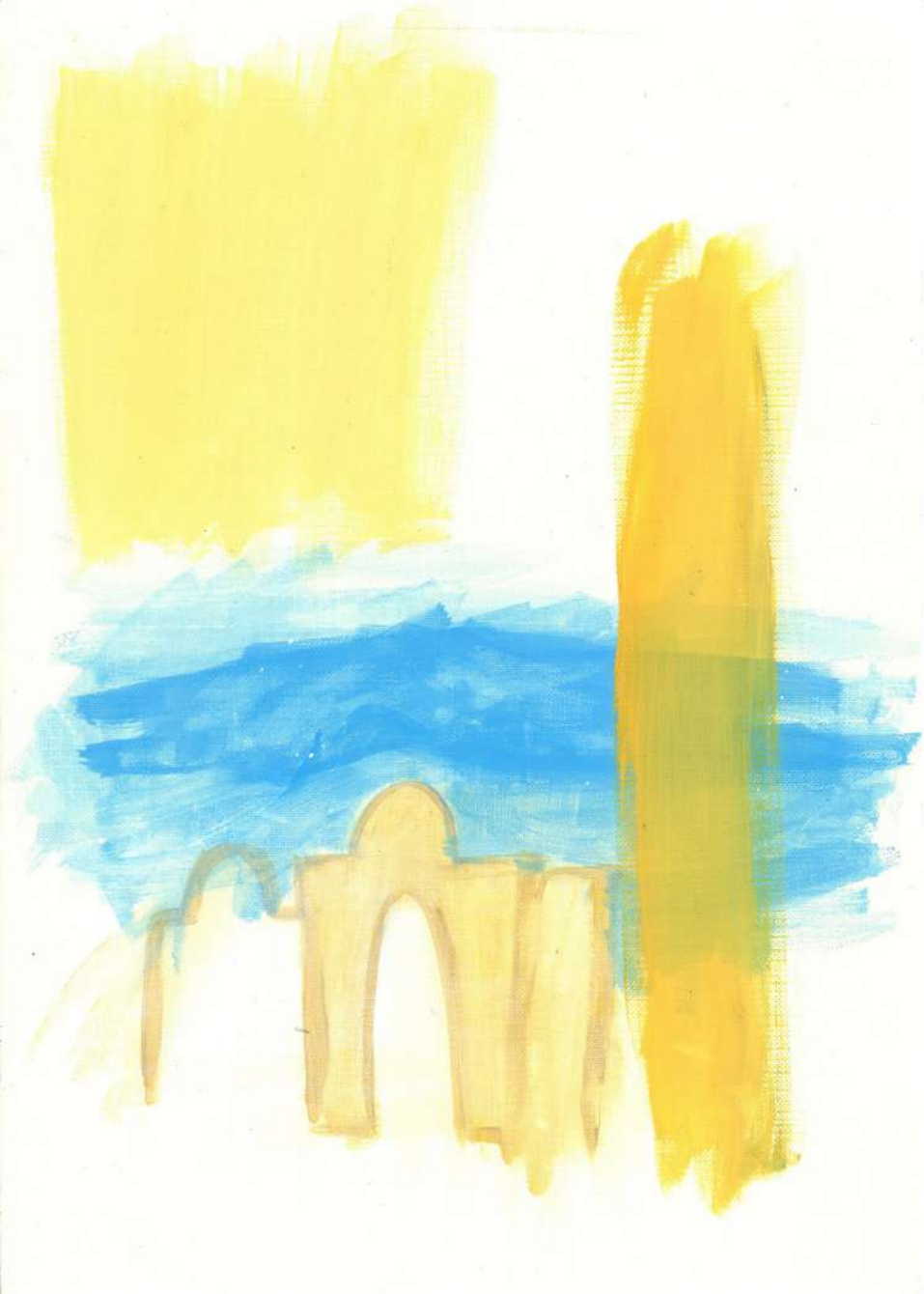


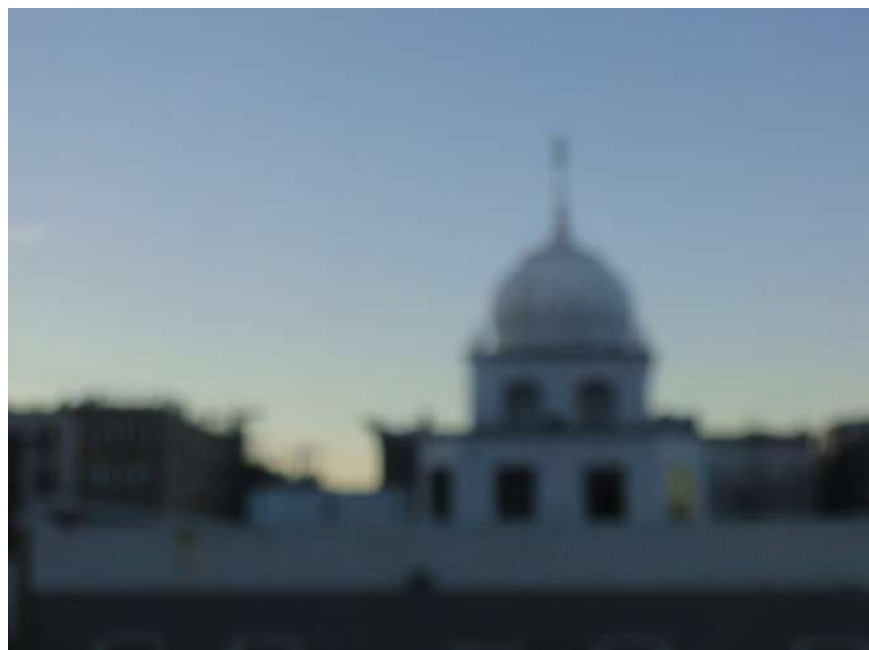
er um grande número de cidades que não vi e não verei, nomes que
o ou ofuscação de figura imaginada: Getúlia, Odila, Eufrásia, Marga-
sempre lá, com a praça fechada em torno do poço, mas não posso mais
como pude dar-lhe um nome que significa algo totalmente diferente.”
Paulo: Compainha das Letras, 2017





cidade dispositivos









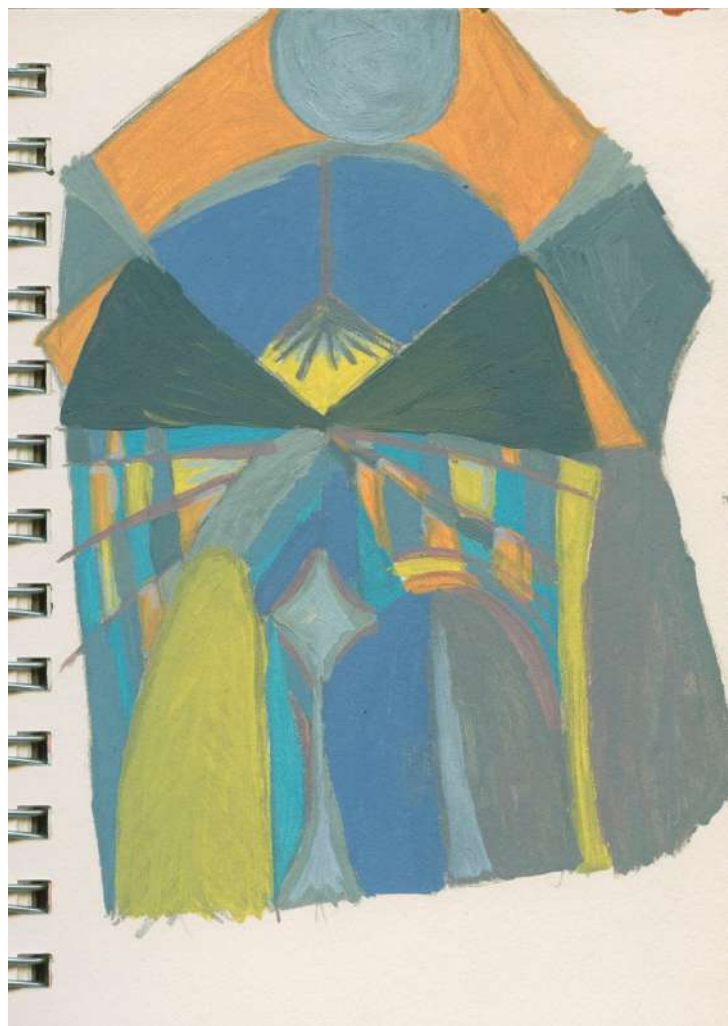




“(…) Marco Polo imaginava responder (ou Kublai imaginava a sua resposta) aos desconhecidos de cidades distantes, melhor compreendia as outras cidades até lá, e reconstituía as etapas de suas viagens, e aprendia a conhecer o parentesco familiares de sua juventude, e os arredores de casa, e uma pracinha de Vila Rica.”
Ítalo Calvino. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.



osta) que, quanto mais se perdia em bair-
ridades que havia atravessado para chegar
porto de onde havia zarpado, e os lugares
eneza em que corria quando era criança.”



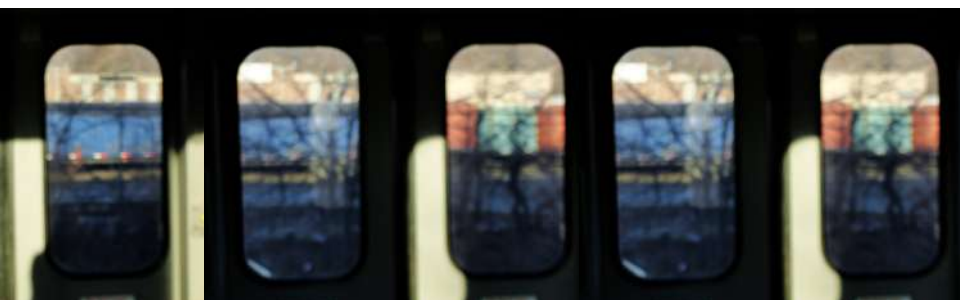




“(…) É fácil perder-se em Eudóxia: mas, quando se olha atentamente para o tapete, reconhece-se o caminho perdido num fio carmesim ou anil ou vermelho amaranço que após um longo giro faz com que se entre num recinto de cor púrpura que é o verdadeiro ponto de chegada. Cada habitante de Eudóxia compara a ordem imóvel do tapete a uma imagem da cidade, uma angústia sua, e todos podem encontrar, escondidas entre os arabescos, uma resposta, a história de suas vidas, as vicissitudes do destino.”

Ítalo Calvino. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

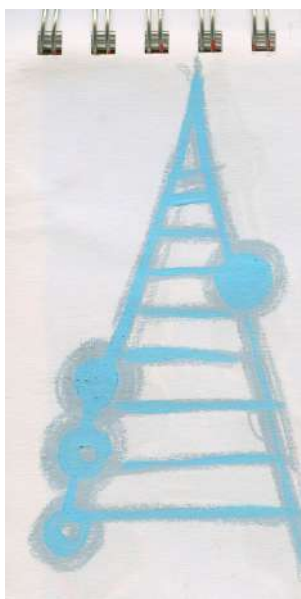
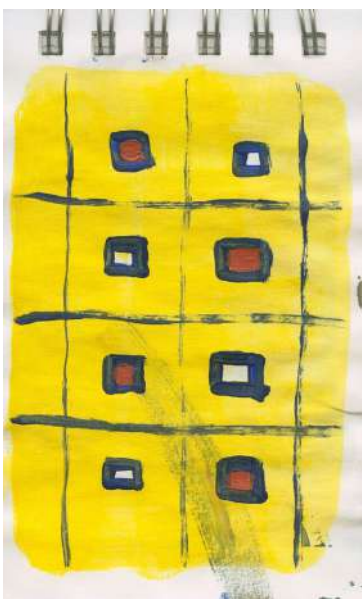


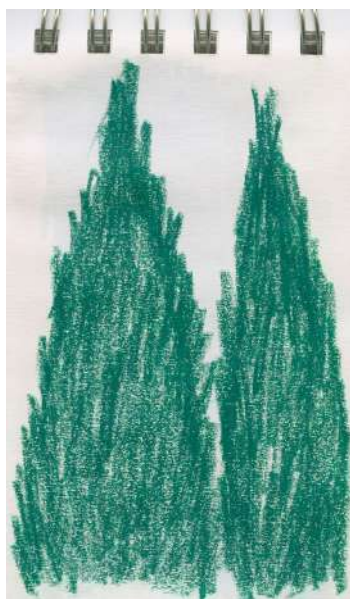
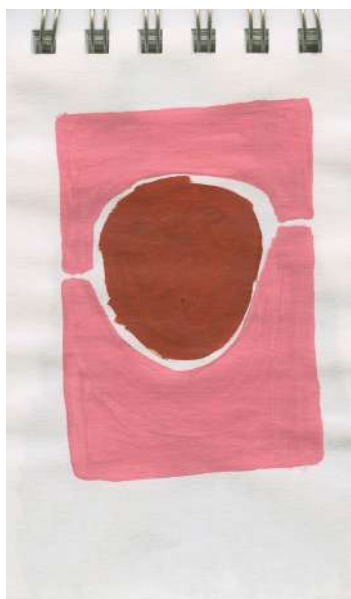


“(…) Mas, ao se deter para observá-lo com atenção, percebe-se que cada ponto do tapete corresponde a um ponto da cidade e que todas as coisas contidas na cidade estão compreendidas no desenho, dispostas segundo as suas verdadeiras relações, as quais se evadem aos olhos distraídos pelo vaivém, pelos enxames, pela multidão.”

Ítalo Calvino. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017





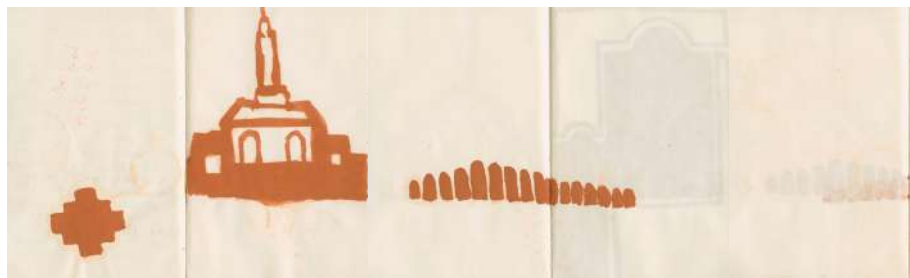







dissolução





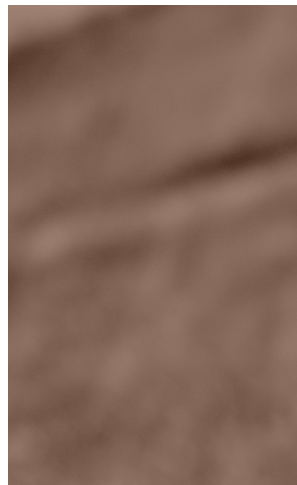


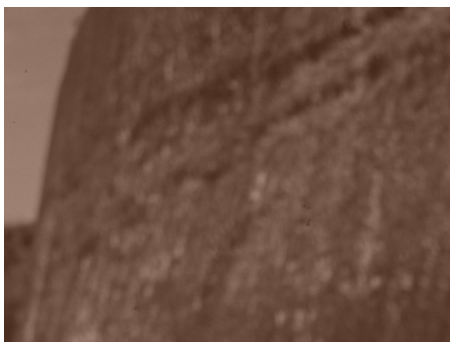




"(...) cidade perfeita, feita de fragmentos misturados com o resto, de instantes separados por intervalos, de sinais que alguém envia e não sabe quem capta. Se digo que a cidade para a qual tende a minha viagem é descontínua no espaço e no tempo, ora mais rala, ora mais densa, você não deve crer que pode parar de procurá-la. Pode ser que enquanto falamos ela esteja aflorando dispersa dentro dos confins do seu império, é possível encontrá-la, mas da maneira que eu disse."

Ítalo Calvino. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 2017









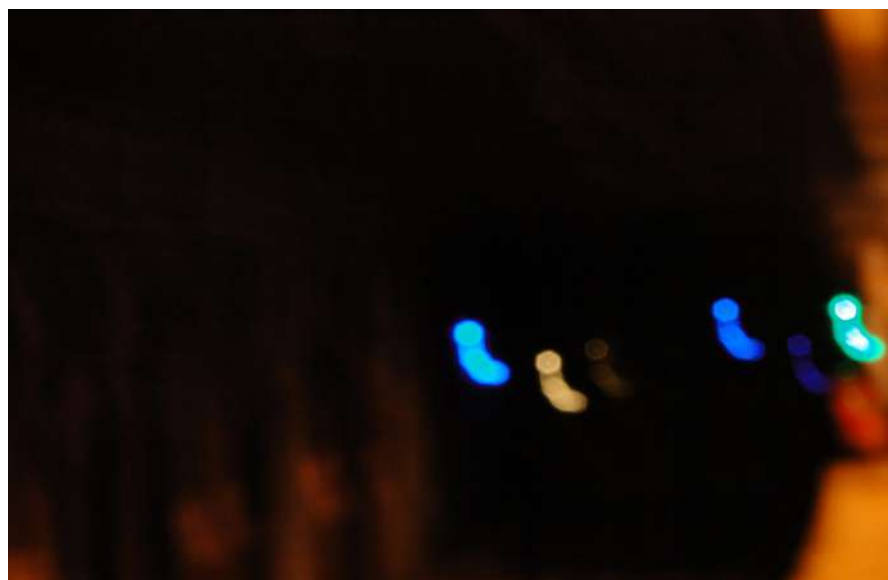
















fogo





“(…) — Sim, o império está doente
das minhas explorações é o seguinte
posso medir o grau de penúria. Para
o olhar nas luzes fracas e distantes.”
Ítalo Calvino, *As cidades invisíveis*.



e, o que é pior, procura habituar-se às suas doenças. O propósito
é: perscrutando os vestígios de felicidade que ainda se entrevêem,
a descobrir quanta escuridão existe em torno, é preciso concentrar

São Paulo: Companhia das Letras, 2017



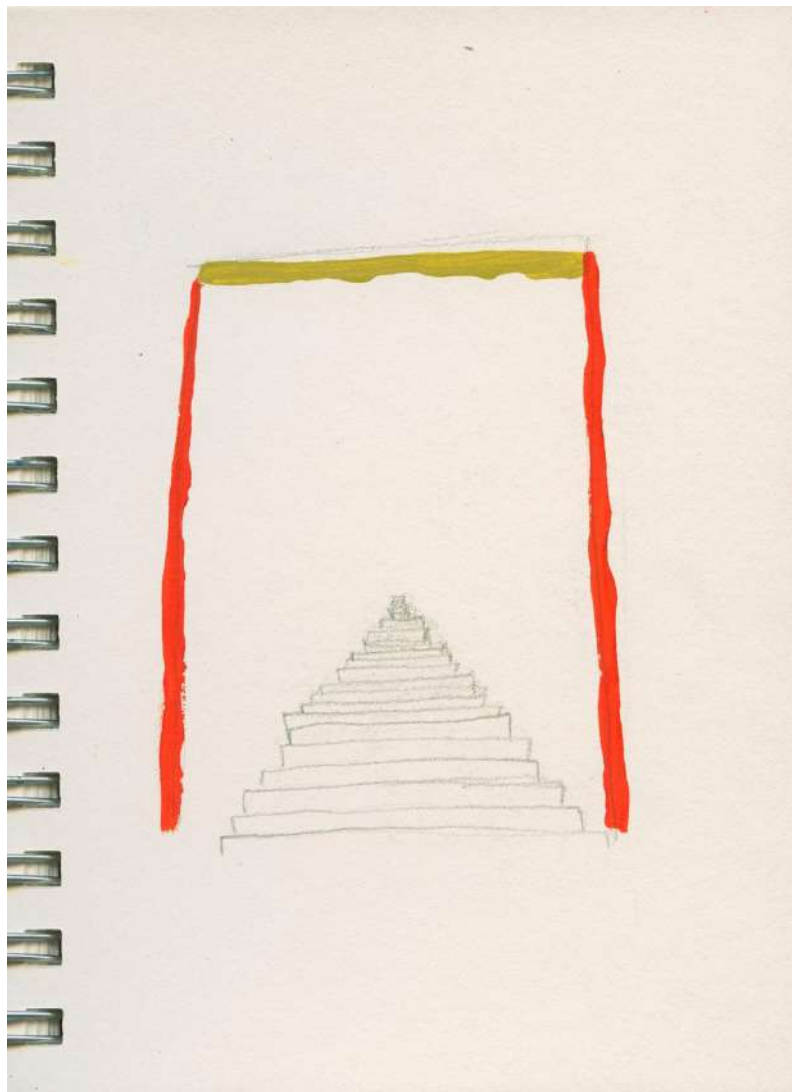


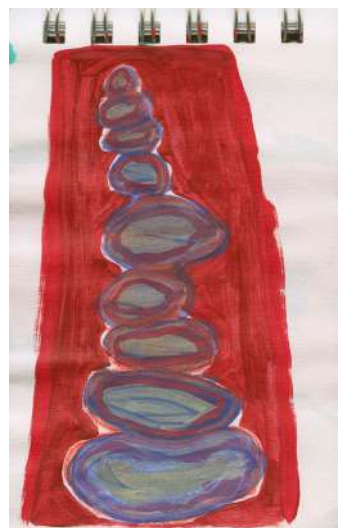
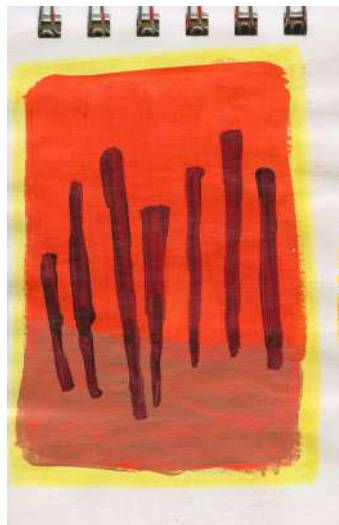








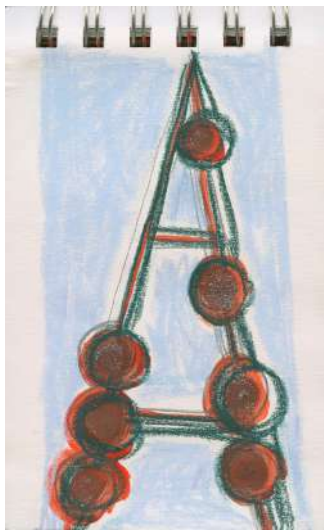






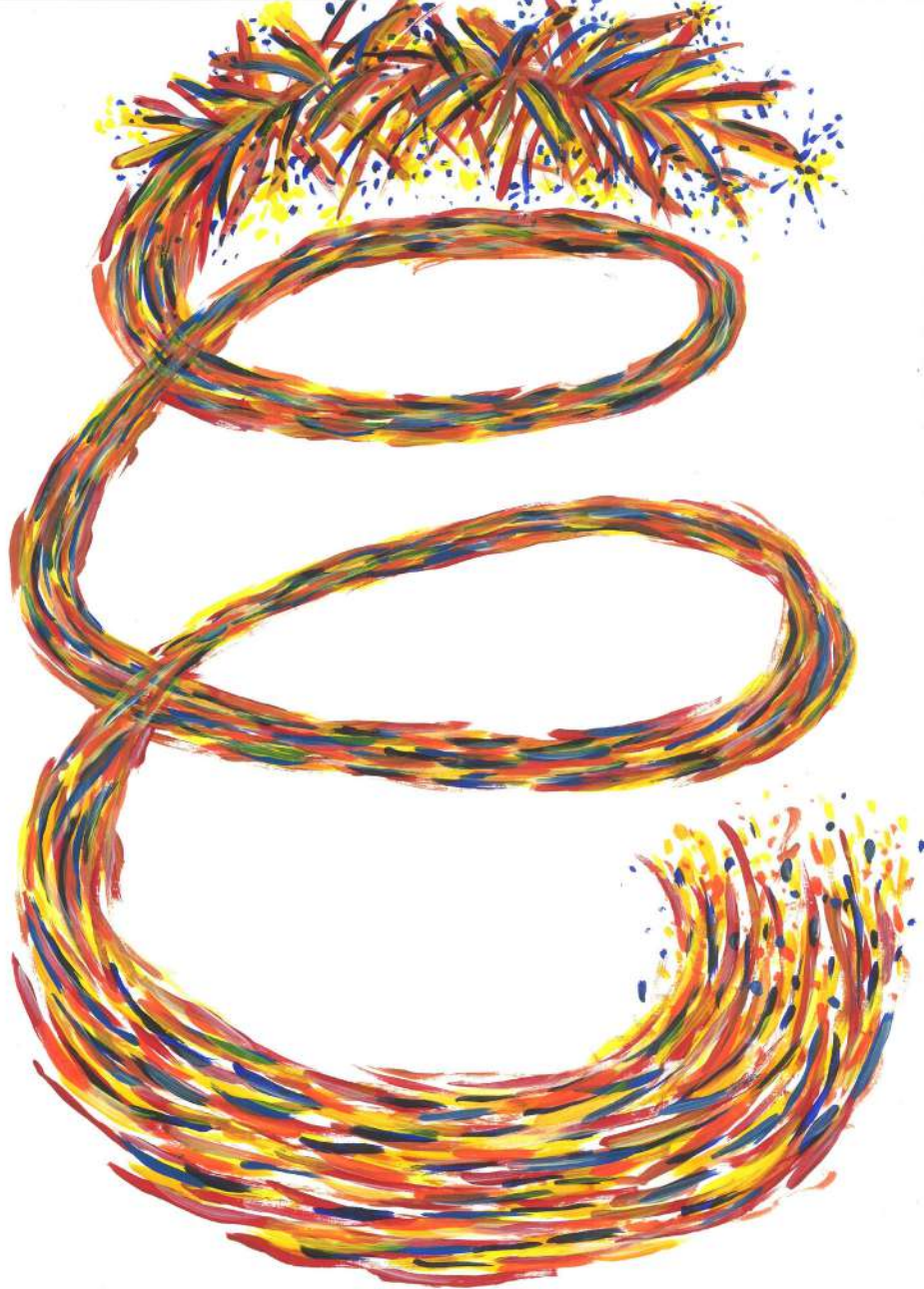








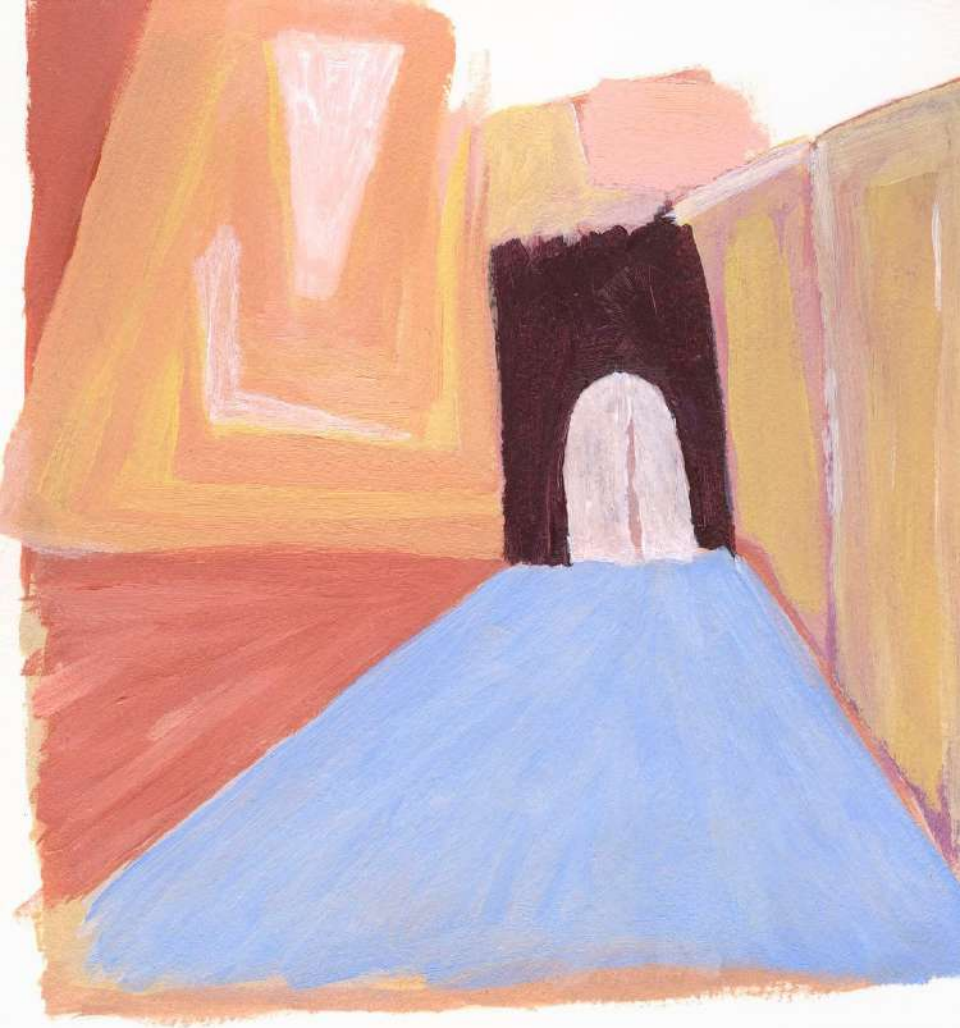




“(…) — A correspondência entre a nossa cidade e o céu é tão perfeita — responderam —, que cada mudança em Ândria comporta alguma novidade nas estrelas. — Os astrônomos perscrutam com os telescópios depois de cada mudança que acontece em Ândria e assinalam a explosão de uma nova, ou a passagem do laranja para o amarelo de um ponto remoto do firmamento, a expansão de uma nebulosa, a curvatura de um espiral da Via Láctea. Cada mudança implica uma cadeia de outras mudanças, tanto em Ândria como nas estrelas: a cidade e o céu nunca permanecem iguais.”

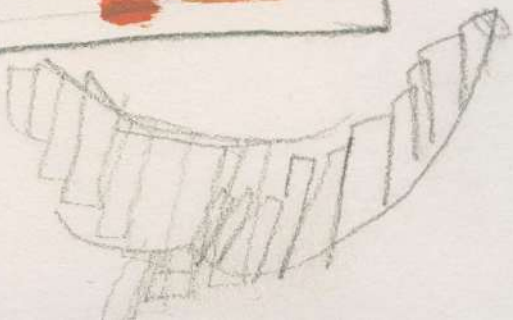
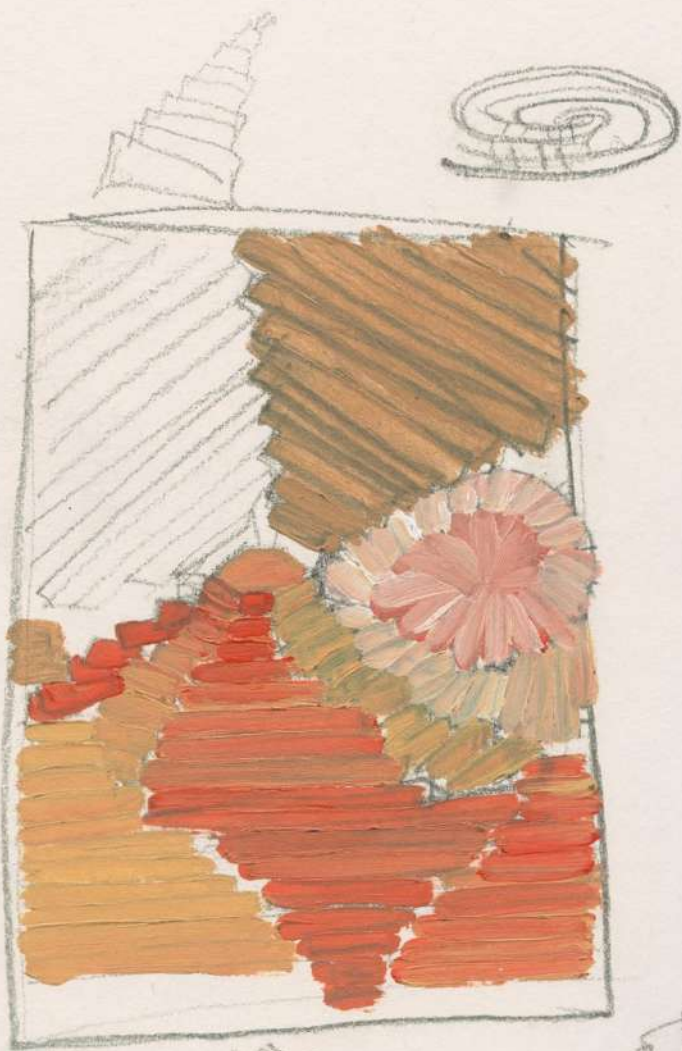
Ítalo Calvino. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

caminho









“(…) Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos.”

Ítalo Calvino. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017













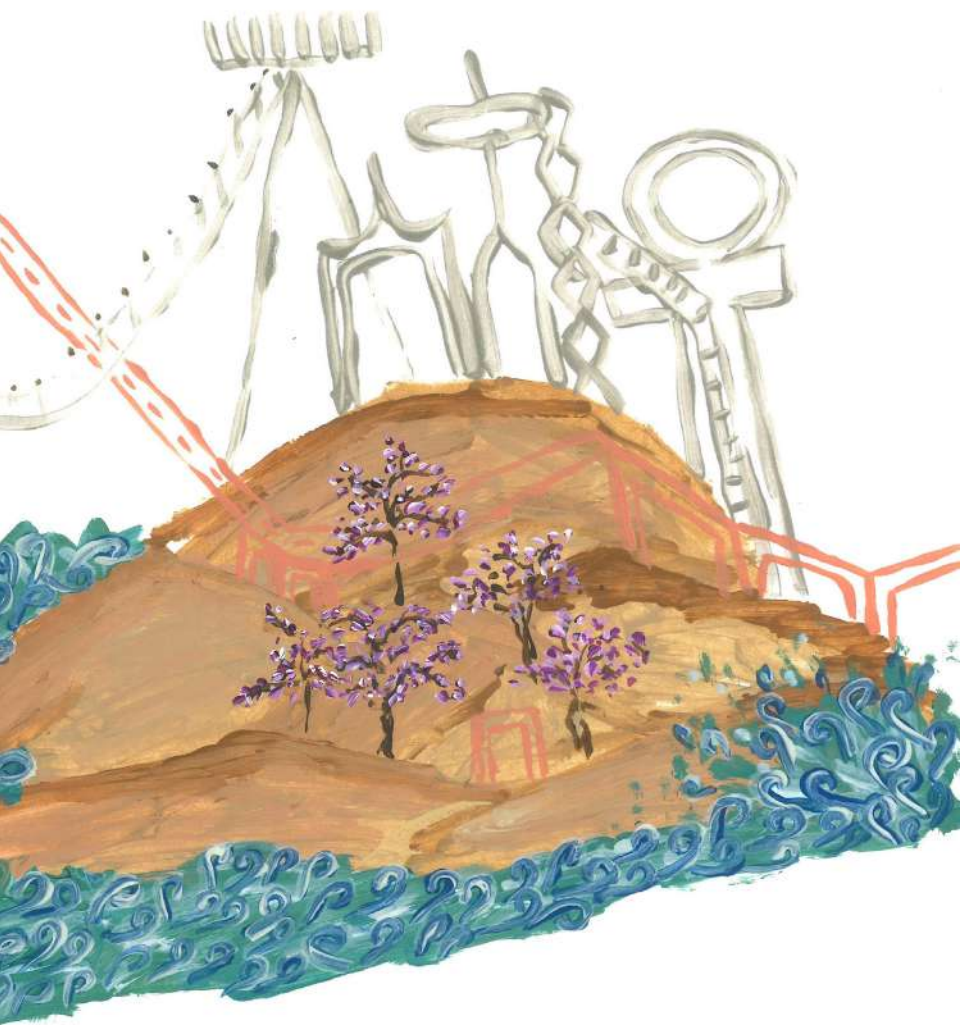
“(…) Em Esmeraldina, cidade áquatica, uma rede de caminhos se ramifica e ramifica-se. Para ir de um lugar a outro, pode-se sempre encontrar como em Esmeraldina a linha mais curta entre dois pontos. Mas, ao mesmo tempo, ramifica em tortuosas variantes, os caminhos que se ramificam e se ramificam, e aumentam ainda mais para quem alterna trajetos e trajetos. Deste modo, os habitantes de Esmeraldina são conhecidos por serem conhecidos por muitos caminhos. E não é tudo: a rede de trajetos não se limita ao plano -desce de escadas, bailéus, pontes arqueadas, ruas e ruas, e percorros elevados ou de superfície, os habitantes são conhecidos para ir aos mesmos lugares. Em Esmeraldina, mesmo os caminhos não se repetem.”

Ítalo Calvino. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1985.

e canais e uma rede de ruas sobrepõe-se e entrecruza, escolhendo entre o percurso terrestre e o de barco: e, nestes pontos não é uma reta mas um ziguezague que se abre para o transeunte não são dois mas muitos pontos de barco e transbordos em terra firme. Escapados do tédio de percorrer todos os dias os mesmos pontos, a cidade é disposta numa única camada; segue um sobe e desce em rampas e suspensas. Combinando segmentos dos diversos percursos, os habitantes dão o divertimento diário de um novo itinerário. Enquanto as vidas mais rotineiras e tranquilas transcorrem

Campanha das Letras, 2017





orvalho





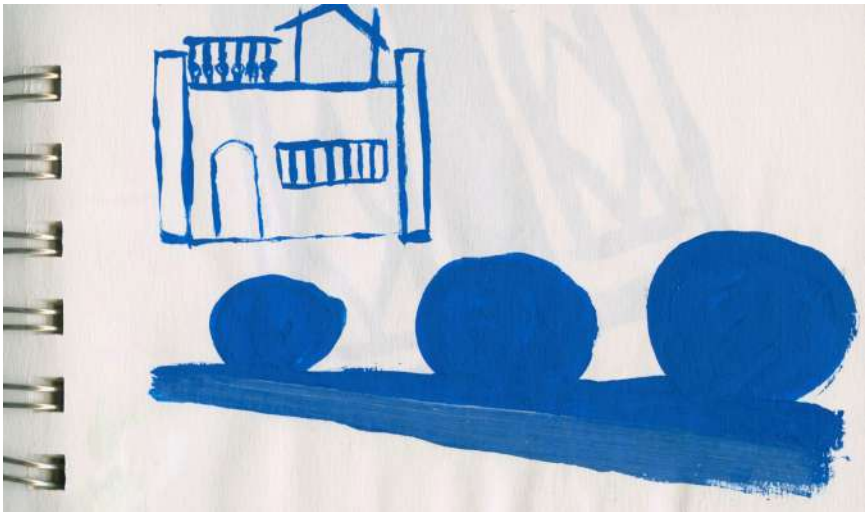


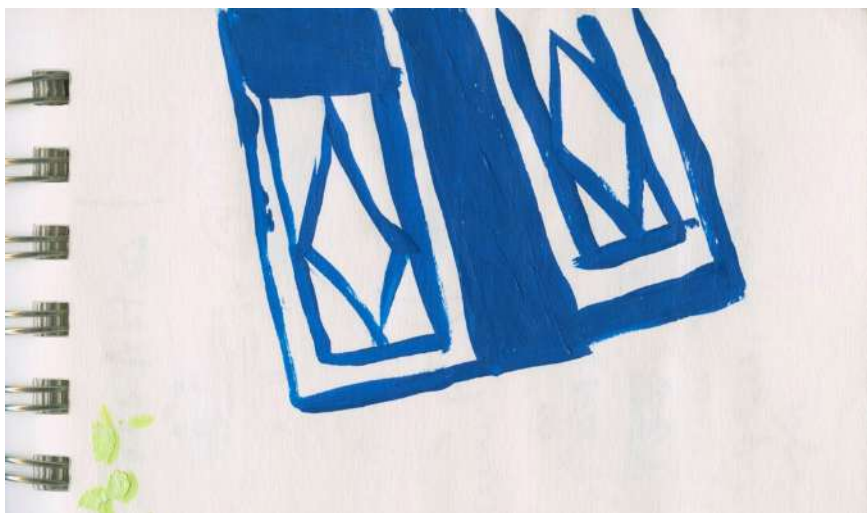




“(…) Ou então a nuvem detinha-se logo depois de sair da boca, densa e vagarosa, e evocava uma outra visão: as exalações estagnadas no alto das metrópoles, a fumaça opaca que não se dispersa, a camada de miasma que gravita sobre as ruas betuminosas. Não as lábeis névoas da memória nem a árida transparência, mas o cheiro de queimado de vidas queimadas que forma uma crosta sobre as cidades, a inchada esponja de matéria vital que deixou defluir, o entupimento de passado presente futuro que bloqueia as existências calcificadas pela ilusão de movimento: eis o que encontrava ao término da viagem.”

Ítalo Calvino. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017











“(…) e em seus sonhos agora aparecem cidades leves como pipas, cidades esburacadas como rendas, cidades transparentes como mosquiteiros, cidades-fibra-de-folha, cidades-linha-da-mão, cidades filigrana que se vêem através de suas espessura opaca e fictícia.”

Ítalo Calvino. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

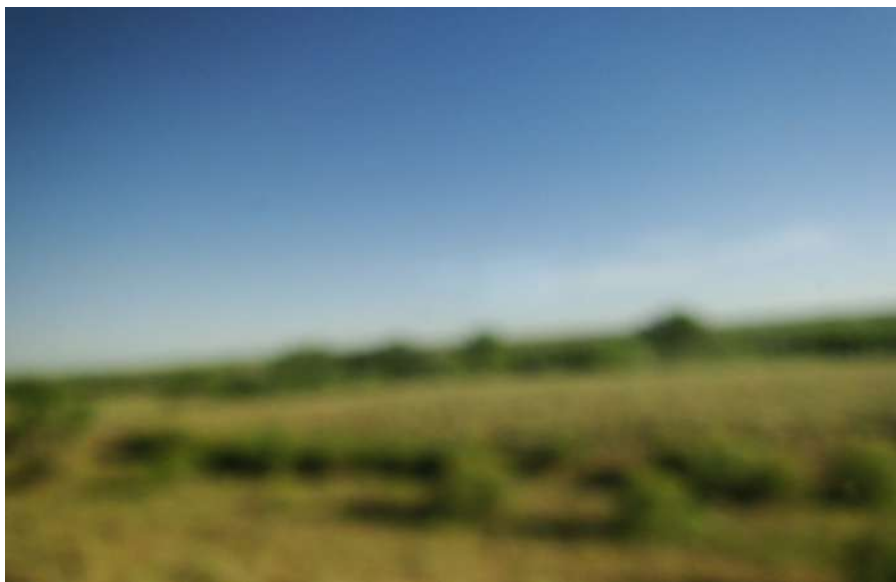












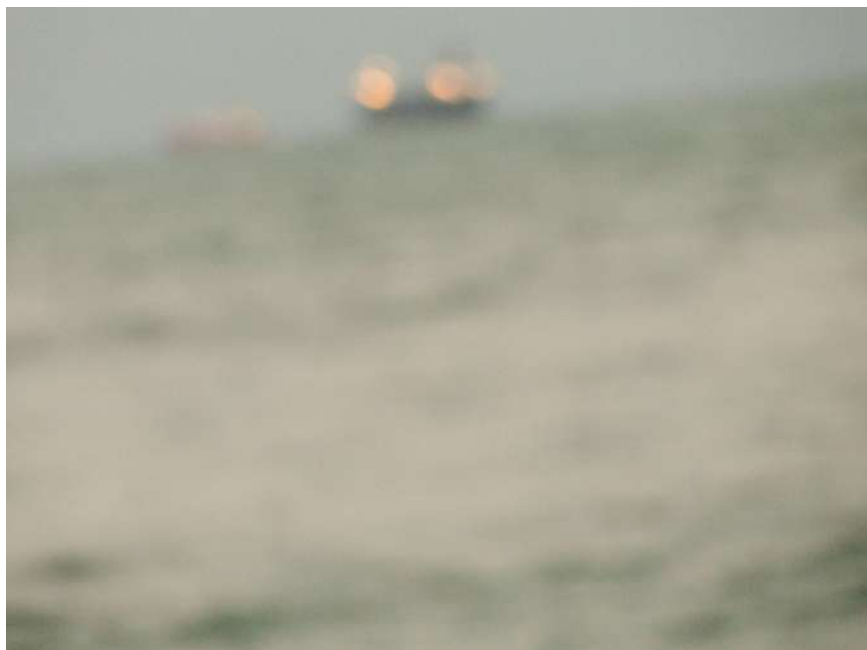


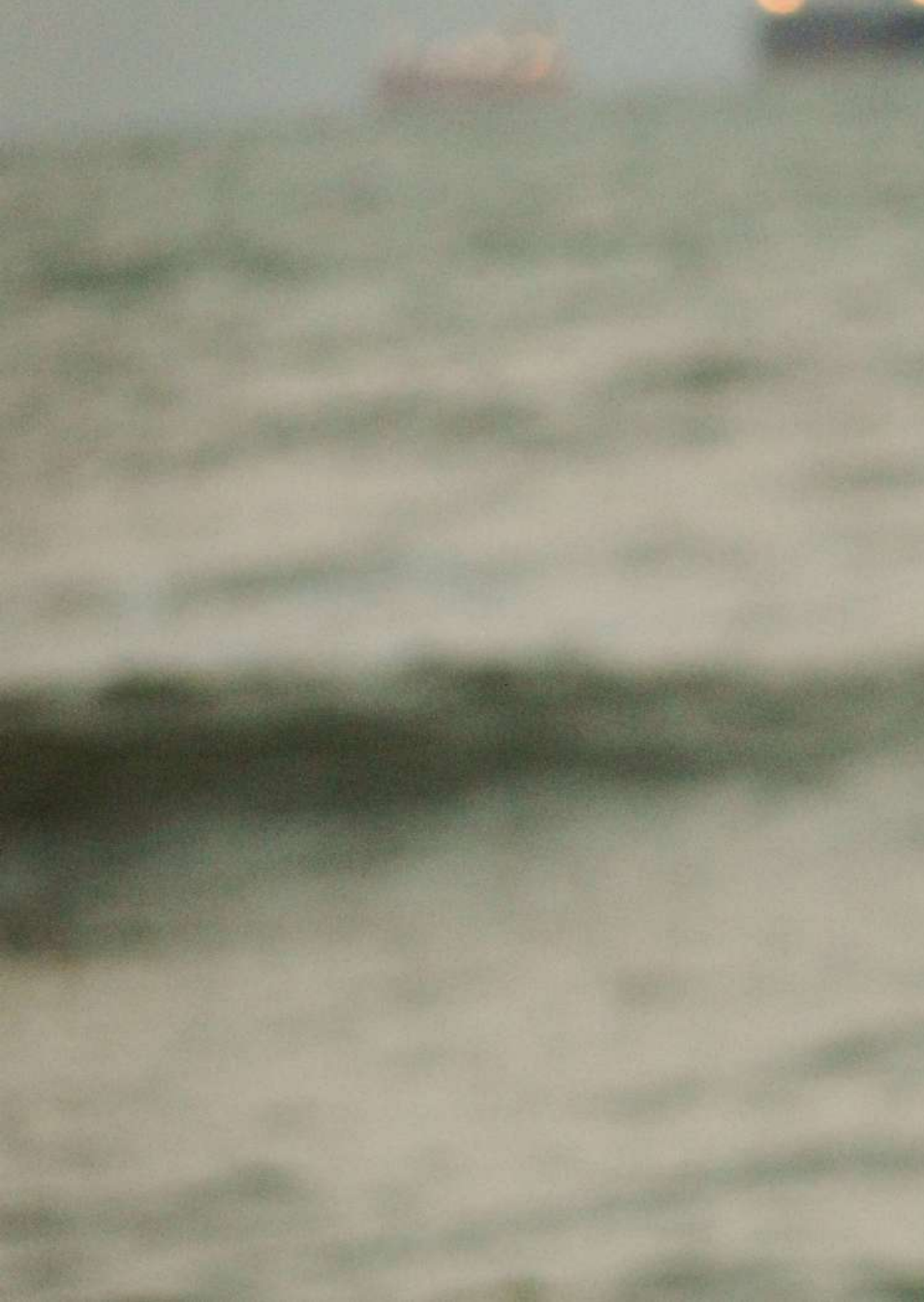
água

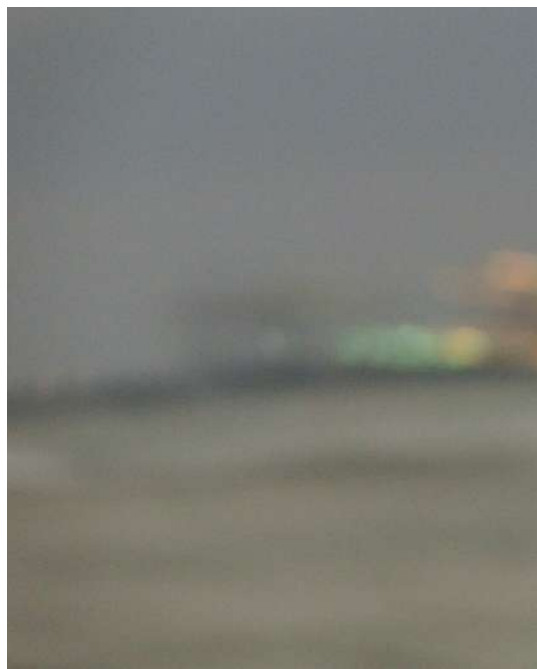




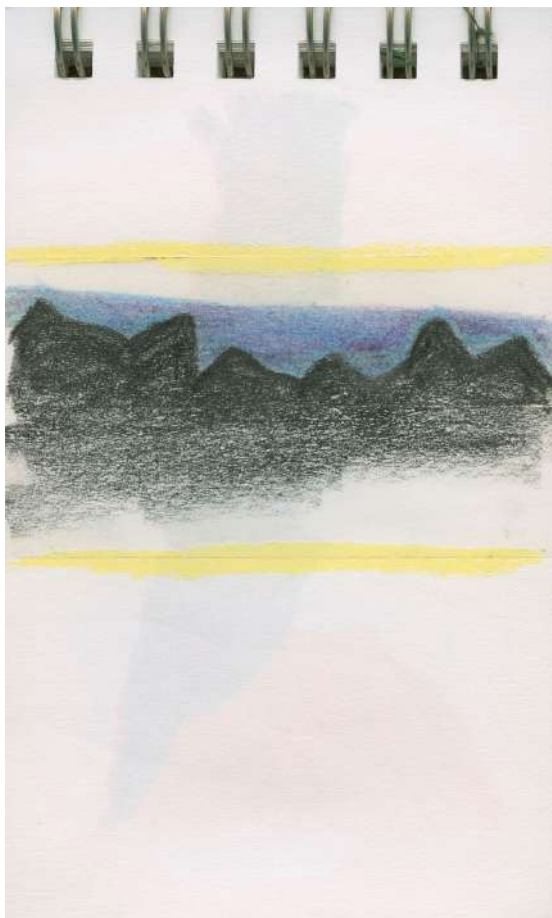








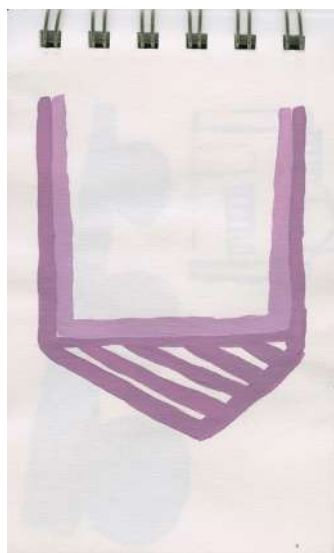


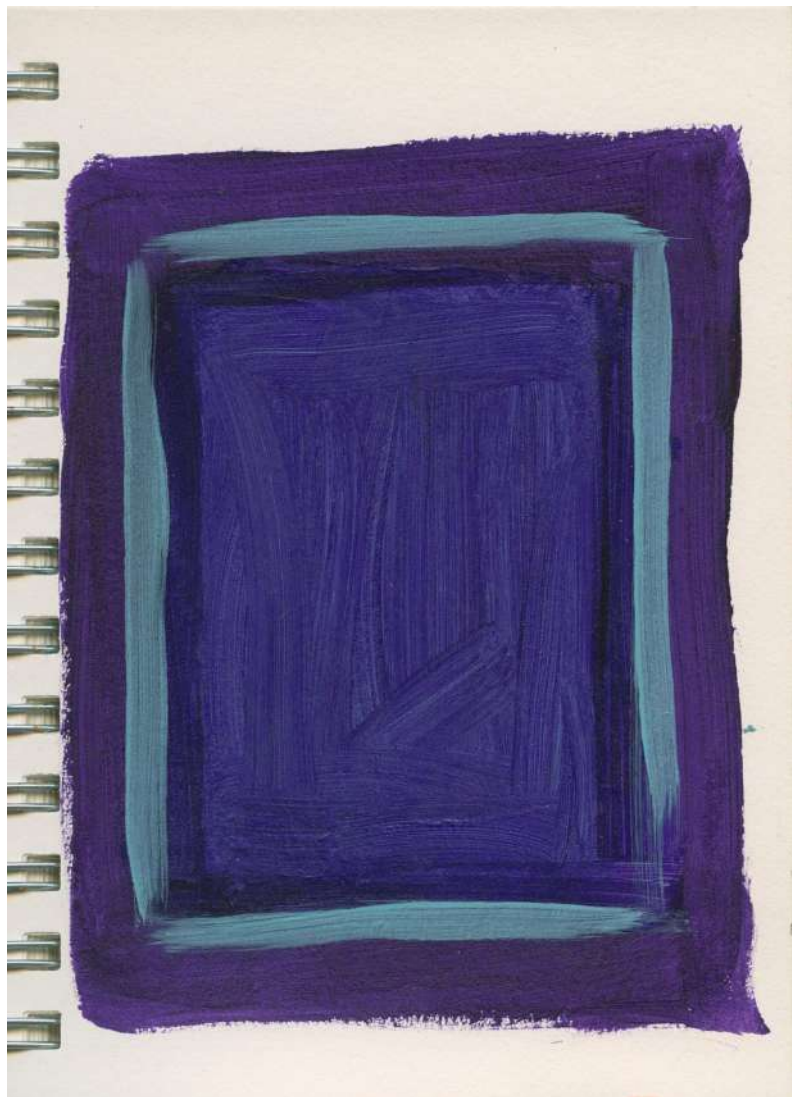


“(...) Frases e atos talvez apenas pensados, enquanto os dois, silenciosos e imóveis, observavam a lenta ascensão da fumaça de seus cachimbos. A nuvem ora se dissolvia num fio de vento ora restava suspensa no ar; e a resposta estava naquela nuvem. Diante da brisa que dispersava a fumaça, Marco pensava nos vapores que enevoam a amplidão do mar e as cadeias de montanhas, e que, ao rarearem, tornam o ar seco e diáfano revelando cidades longínquas. O seu olhar queria alcançar o lado de lá daquela tela de humores voláteis: a forma das coisas se distigui melhor a distância.” Ítalo Calvino. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

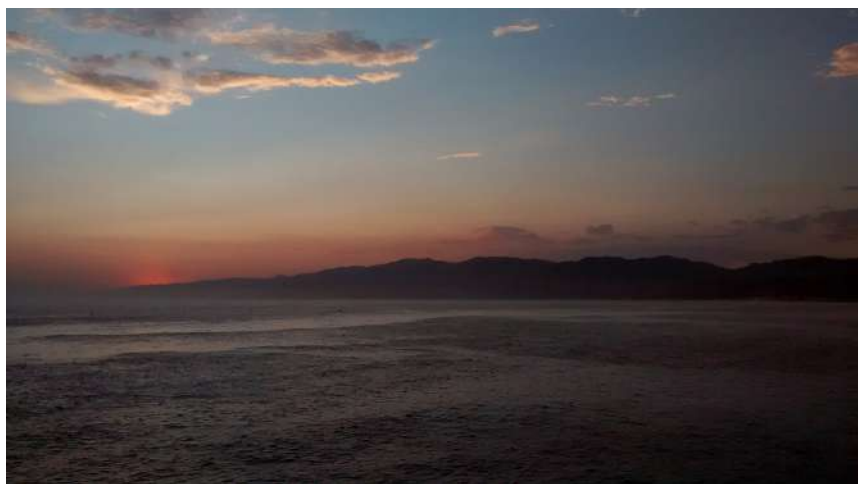




















“paragens, pontos de encontro e de partida”

texto curatorial escrito por ana roman para mostra
virtual “paragens, pontos de encontro e de partida”
realizada entre 24 de abril e 24 de junho de 2021

Em “A viagem vertical”, Enrique Vila-Matas narra a história de Federico Mayol, importante empresário catalão que, beirando os 70 anos, vê sua vida e suas certezas desabarem. O personagem parte, então, para uma viagem pelo território ibérico com o claro objetivo de se reestruturar. Neste deslocamento horizontal pelo espaço físico, Frederico é levado a uma queda livre: ele inicia um profundo deslocamento em si mesmo. O autor propõe uma espécie de Odisséia ao contrário: a ênfase não é na grande narrativa, mas no viajante, que está em um constante movimento vertical ao mesmo tempo em que percorre o espaço concreto.

A metanarrativa ficcional de Vila-Matas dialoga com o conceito desta mostra. “Paragens, pontos de encontro e de partida” é também um convite a uma viagem vertical pelas diversas paisagens criadas por Natália Cavalcante. Em suas pinturas, que compreendem tanto imagens de construções, quanto de vistas distantes ou elementos mais abstratos que lembram engenhocas sem utilidade aparente, a artista suspende o nosso referencial imediato de espaço: não sabemos de onde saíram tais fragmentos de paisagem e de construções. Não há dúvida de que já os visitamos, mas talvez o tenhamos feito em algum sonho ou ainda no nosso imaginário literário e fílmico.

A fotografia quase nunca é ponto de partida para suas criações: Cavalcante percorre verticalmente suas referências para projetar e imaginar cidadelas. Ela se ocupa com uma espécie de inventário da vida urbana ideal e nos convida a habitá-lo.

A caminhada é um tema recorrente na arte contemporânea: tanto como temática, quanto como proposta artística. Neste site, um outro tipo de caminhada é proposto: desta vez, ele é realizado pelo movimento e pela circulação entre as páginas, pelo olhar e, mais ainda, pelo deslocamento vertical em nós mesmos. Diferente do personagem de Vila-Matas, não há nenhum deslocamento horizontal pelo espaço concreto: a web condensa as dimensões horizontais e verticais da nossa viagem e a modifica, tornando-a potencialmente mais profunda pela velocidade e pela possibilidade constante de trânsito em outras páginas e de realização de múltiplas relações.

Os pontos de partida para nossa trajetória na mostra são fontes: a água é um recurso natural fundamental para a organização da vida urbana. Ao analisarmos a história dos agrupamentos humanos que originariam posteriormente as cidades, há uma correlação entre o acesso à água e suas localizações. As fontes inauguram este fluido fluxo do qual somos convidados a fazer parte. O desvio é uma possibilidade: encontraremos, entre as páginas do site, algumas outras fontes que não nos foram ainda apresentadas, que podem nos levar a outras cidadelas escondidas. Nossas movimentações serão pontuadas por excertos do livro “As cidades invisíveis”, do autor italiano Ítalo Calvino, que operam como placas de trânsito, apontando para possíveis leituras dos trabalhos.

Não há possibilidade de descrever em detalhes a nossa experiência, nem as pequenas cidades que visitaremos. Assim como Olivia, cidade que integra a narrativa do viajante Marco Polo, no livro de Ítalo Calvino, toda vez que descrevemos o espaço a partir de um inventário dos elementos que as compõem, nós o modificamos. Tais cidadelas são repositórios de nossos desejos. Elas permeiam a nossa memória como grãos de areia, dissolvem-se e reconstroem-se aos nossos olhos, flutuam como gotas de orvalho e circulam como a água. E nos lembram que uma das partes mais importantes da viagem é o caminho.

A primeira mostra individual de Cavalcante é um convite para imaginarmos outras cidades e vivências possíveis. A imaginação é uma das nossas principais formas de resistência no mundo contemporâneo.

Referências

Ítalo Calvino. “As cidades invisíveis”. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Enrique Vila-Matas. “A viagem vertical”. Trad. Laura Janina Hosiasson. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

Esta publicação foi feita na ocasião da mostra “paragens, pontos de encontro e de partida”, realizada entre 24 de abril e 24 de Junho de 2021.

créditos exposição

coordenação: carolina paz

curadoria: ana roman

comunicação: gabrielle guido

designer de som: raquel de la rocha

desenvolvimento web: mariana battistelli

realização: clube da uncool

digitalização: joseph ascioti

revisão de tradução: iara pimenta

revisão e tradução do texto curatorial: caroline anelli

realização: clube da uncool

créditos publicação

edição: ana roman e natália cavalcante

design: camila crivelenti e natália cavalcante

apoio: uncool artist

Todas as imagens incluídas nesta publicação são de autoria de natália cavalcante e são registros, desenhos e fotografias realizadas entre os anos de 2013 e 2021.



